

o controle do *Cryptocaryon irritans* é a diminuição da salinidade, além de esterelização da água com filtro de luz ultravioleta ou ozonização. No presente trabalho, os outros 530 peixes que ficaram na bateria de aquário foram tratados, preventivamente, com a diminuição gradativa da salinidade até chegar em 1,016, porém, após sete dias, 80 animais não resistiram ao tratamento e morreram. Apesar da bateria de aquários possuir filtro de luz UV, o proprietário relatou que nunca trocou a lâmpada que pode não estar mais surtindo efeito. Aerossóis de terontes podem ir de um tanque para outro caso haja altas infestações. O ideal é que pele, nadadeiras e brânquias sejam sempre analisadas para se verificar a presença do *Cryptocaryon* durante o período de quarentena, pois peixes imunes podem servir de reservatório para outros susceptíveis. Durante o período de quarentena a hipossalidade, drogas ou outros produtos químicos devem ser empregados para diminuir as chances da disseminação do patógeno. O mesmo cuidado deve ser tomado com os equipamentos para controle de temperatura, para que episódios de oscilação de temperatura não aconteçam e estressem os animais. A adoção de um bom programa de biossegurança, desenvolvido com profissionais especialistas em saúde de peixes ornamentais, deve incluir quarentena de novos peixes e controle eficiente dos parâmetros da qualidade de água do sistema. Equipamentos utilizados devem ser devidamente desinfetados antes de serem reutilizados com produtos químicos regulamentados e por tempo suficiente para matar todo e qualquer tipo de patógeno que possa causar problemas ao sistema. É fundamental salientar o relevante papel profissional do médico veterinário no contexto da produção e comercialização de peixes ornamentais. No Brasil, contudo, sua atuação é muito pouco explorada no setor. Torna-se, pois, de extrema importância a responsabilidade das universidades na formação desses profissionais, que devem oferecer, aos graduandos, conteúdo técnico, treinamento e sensibilização para ocuparem o seu espaço nesse importante mercado, desempenhando a nobre atividade de assegurar empregos que gerem saúde, lazer, bens e valores para a sociedade.

Conclusão: A disseminação de conhecimento técnico no setor de peixes ornamentais no Brasil pode resultar, no futuro, em animais com alto padrão de qualidade: ponto positivo para todos os envolvidos na cadeia. Sendo assim, é urgente a necessidade de medidas de incentivo à atuação desse importante profissional.

ELETROQUIMIOTERAPIA EM FERRET (*MUSTELA PUTORIUS FURO*) COM FIBROSSARCOMA — RELATO DE CASO

CONTI, N. C.; MOURIÑO, J. M. P.; BRUNNER, C. H. M.

E-mail: continc@gmail.com

O número de ferrets adquiridos como pets vem aumentando visivelmente no Brasil. Estes animais possuem características próprias e, assim como outras espécies, também apresentam um conjunto de enfermidades que são registradas com maior frequência, e, dentre elas, as neoplasias têm merecido destaque. Uma ferret, castrada, de seis anos de idade, foi atendida no centro veterinário Pet Place apresentando duas formações palpáveis em tecido subcutâneo, em região interescapular, próximas ao microchip de identificação. No exame citológico e histológico, foram identificadas formações como fibrossarcoma. O fibrossarcoma é uma neoplasia maligna com frequentes recidivas. Diante da complexidade do tema, o presente relato teve por objetivo compilar informações técnicas, tecendo uma análise crítica sobre o procedimento adotado de excisão completa do fibrossarcoma, com posterior associação de eletroquimioterapia, utilizando o quimioterápico bleomicina (15UI/m²), bem como a conduta adotada diante da recidiva aos 76 dias pós-tratamento eletroquimioterápico. Há necessidade de estudos para o desenvolvimento de novos protocolos terapêuticos direcionados a ferrets com neoplasias cutâneas.

PEIXES ORNAMENTAIS MARINHOS IMPORTADOS INFECTADOS POR *LYMPHOCYSTIS VIRUS*

CARDOSO, P.H.M¹; BALIAN, S.C¹;

¹ Departamento de Medicina Preventiva e Saúde Animal, Faculdade de Medicina Veterinária e Zootecnia, Universidade de São Paulo

E-mail: pedrohenriquemedvet@usp.br

Introdução: A indústria dos peixes ornamentais é caracterizada pela agregação de numerosas espécies de diversos lugares do mundo. A translocação de peixes ornamentais pode trazer consigo agentes patogênicos que causam problemas, tanto aos peixes ornamentais, quanto aos de consumo do país de destino. Os governos de muitos países preocupados com a introdução de agentes exóticos e prejudiciais às espécies nativas, adotam medidas de quarentena no intuito de mitigar riscos de introdução de doenças dos peixes importados (Whittington & Chong 2007). Desde 2008, a importação de peixes ornamentais no Brasil só é possível se efetuada por quarentenários credenciados pelo Ministério da Pesca e Aquicultura. *Lymphocystis* é uma doença viral crônica (LCDV), membro da família Iridoviridae. A doença já foi relatada em mais de 125 espécies de peixes de água doce e marinhos de mais de 34 famílias. Espécies menos desenvolvidas como *catfishes*, ciprinídeos e salmonídeos não são susceptíveis ao vírus (Anders, 1989). Infecções resultam em nódulos ou verrugas mais comumente nas nadadeiras e pele, embora outros órgãos, como as brânquias, possam ser acometidos. É uma doença relativamente comum em peixes ornamentais de aquários (Rahmati-holasoo, Hobbenaghi, Tukmechi, Seyrafi, Homayounimehr & Ghavami, 2010; Pirarat, Pratakpiriya, Jongnimitpaiboon, Sajjawiriyakul, Rodkhum & Chansue, 2011) e, geralmente, ocorre quando os peixes são submetidos a longos períodos de estresse prolongado. Em estágios iniciais, os nódulos podem ser relativamente pequenos e são confundidos com outros agentes patogênicos como o *Ichthyophthirius multifiliis*, em peixes de água doce, *Cryptocaryon irritans*, em peixes de água salgada, ou por altas infestações de *Epistylis* (Yanong, 2013). Embora os mecanismos de transmissão não sejam completamente elucidados, o contato direto de peixe para peixe é a rota clássica mais aceita de infecções por LCDV; sendo que a pele e as nadadeiras são as principais portas de entrada. Cano, Valverde, Garcia-Rosado, Alonso, Lopez-Jimena, Ortiz-Delgado, Borrego, Sarasquete & Castro, 2013 sugeriram que os rotíferos também possam servir como vetor do vírus (). O gênero *Lymphocystivirus* é considerado o de menor patogenicidade na família Iridoviridae, não causa altas taxas de mortalidade, porém, provoca deficiências no crescimento do peixe e as lesões podem ter aspecto repugnante, não sendo possível a comercialização. Outros gêneros como o Ranavírus e o Megalocytivirus causam doenças mais severas, com altas taxas de mortalidade (Xu, Feng & Huang, 2014). O presente trabalho teve por objetivo identificar os peixes que apresentavam sintomatologia condizente com o agente *Lymphocystis* em um estabelecimento importador de peixes ornamentais e alertar para a importância do médico veterinário, que, no Brasil, é pouco explorado na área de sanidade de peixes ornamentais.

Descrição do Caso: No mês de março de 2015, um total de 17 peixes ornamentais marinhos, importados dos Estados Unidos, apresentou lesões nodulares esbranquiçadas no corpo e nadadeiras durante o período de quarentena em um estabelecimento credenciado para importação. Dentre as espécies acometidas estavam seis *Chelmon rostratus*, três *Forcipiger flavissimus*, três *Zebrasoma flavescens*, e cinco *Zebrasoma veliferum*. Todas as lesões, removidas com lâmina de bisturi, foram examinadas em microscópio óptico com objetiva de 4, 10 e 20x. Após análise, 100% dos animais apresentaram grupamentos de células fibroblásticas característicos da lesão causada por *Lymphocystis virus* (Noga, 2010). Os nódulos foram removidos com lâmina de bisturi e os animais foram, então, transferidos para um aquário-hospital, onde foram submetidos a tratamento preventivo contra infecções bacterianas